

Futebol com as mãos

Tinha finalmente chegado o grande dia, e a nossa selecção ia jogar a final do campeonato do mundo. Os jogadores tensos, entram no campo e o estádio exulta. Começa o jogo e a emoção vai crescendo. A certo momento um dos nossos melhores jogadores pega na bola com as mãos e começa a correr em direcção á própria baliza. O árbitro apita e os outros jogadores estáticos permanecem em silêncio mas, de bola nas mãos, o nosso jogador não pára de correr e chegando á baliza lusitana chuta com convicção para dentro das redes e grita sozinho: «golo!». Um silêncio sepulcral invade o estádio. «Está doido! O que será que lhe passou pela cabeça?» pergunta o treinador já com a voz tremida. Pouco depois substitui-o rapidamente. Marca-se a falta e o jogo continua normalmente.

Quando o nosso jogador sai do campo um batalhão de jornalistas curiosos avança com perguntas simultâneas: «O que se passou? Sente-se bem?» ... o nosso jogador com tom afável e volto sereno responde: «Quero ser livre! E jogar futebol como me apetece. Estou farto de tabus e de preconceitos que me vêm impostos pelos outros. Porque è que não se pode jogar também futebol com as mãos e marcar golos na própria baliza? Cá para mim cada jogar devia ser livre de jogar futebol á sua maneira, cada um define as suas próprias regras desde que respeite os outros. Eu acredito num futebol novo, dinâmico, livre de dogmas e em que cada jogador possa exprimir com autenticidade a própria identidade». Depois destas palavras os jornalistas estupefactos encontravam-se divididos por sentimentos contrastantes, por um lado compreendiam e concordavam com a ideias do jogador, mas por outro lado gostavam do futebol tal como ele é, jogado com os pés e com golos na baliza do adversário.

Rompe este frio silêncio o choro de uma rapazito que não conseguia conter a sua amargura. Um dos jornalistas comovido pergunta-lhe: «Porque choras?» responde o pequeno português: «Porque o nosso jogador já não joga futebol».

Por incrível que pareça na nossa sociedade muitas pessoas vivem num estilo de vida igual á do “nosso jogador”. Esta maneira de estar na vida fundamenta-se num errado conceito de liberdade compreendida como capacidade de autodefinição da própria humanidade. Há quem confunda a liberdade de jogar segundo as regras do jogo que é em si mesma boa, um dom de Deus, com a liberdade de definir as regras do jogo. No caso do futebol louvávamos o “nosso jogador” porque era um grande jogador de futebol, ou seja, porque usava bem a sua liberdade de acordo com as regras do jogo, mas, deixou de ser o nosso herói a partir do momento em que usou a sua liberdade para mudar as regras do jogo e chegou até a marcar um golo na própria baliza.

Com a nossa humanidade passa-se algo de semelhante, visto que não somos nós que a definimos. Essa já vem definida “de fábrica” por Deus. O homem é um ser racional mesmo que eu não queira, o homem procura a felicidade mesmo que eu não ache bem, o homem é um ser que é capaz de rir mesmo que eu não concorde, etc. As regras da nossa humanidade são o que são, e não faz parte do âmbito da nossa liberdade tentar redefinir a nossa natureza. Na verdade ainda bem que não somos nós a definir a nossa humanidade, porque Deus tem muito mais jeito. A nós toca-nos ir descobrindo quem é o homem e qual é a sua natureza.

A nossa liberdade, bem entendida, está em “jogar” segundo as regras da nossa natureza humana para chegar ao “golo” da vitória no Céu. O pecado é sempre um golo na própria baliza, um verdadeiro autogolo. Assim como existem infinitas jogadas de golo possíveis, assim existem infinitas escolhas livres que respeitam as regras da nossa humanidade e nos conduzem á felicidade. Infelizmente depois do pecado original, ficamos “lesionados” e incapazes de pelas nossas forças de marcar o golo da vitória. Mas Deus na Sua misericórdia mandou-nos o Seu Filho que nos deu a vitória definitiva com o “golão” da Sua morte na cruz, e desse evento de salvação corre a graça que cura a nossa lesão. Agora curados graças a Ele podemos jogar também nós «na liberdade da glória dos filhos de Deus» (Rom 8, 21). Basta olhar para a diversidade dos santos que existem para perceber que cada santo fez o seu caminho, mas todos respeitaram a “regras do jogo”. E a regra que resume todas as regras é a do amor: “amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo” (Cfr. Mc 12, 33), quem ama não se engana porque «o pleno cumprimento da lei é o amor» (Rom 13, 10). Por isso é que Santo Agostinho dizia: «ama e faz o que quiseres».